



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

UM MESMO BLAZER COMPRADO NA ZARA DE PARIS POR 50 EUROS, OU APROXIMADAMENTE R\$ 134,00, CUSTA, NA LIQUIDAÇÃO DA ZARA DE BRASÍLIA, R\$ 270,00.

O PROBLEMA ESTÁ NO CHAMADO CUSTO BRASILEIRO. ESTA MALDIÇÃO QUE PESA NO BOLSO DOS BRASILEIROS POR CONTA DA MÁ GESTÃO DAS REGRAS ECONÔMICAS, DO FISCO, DOS ENCARGOS E MUITO MAIS.

NOSSOS PRODUTOS NÃO TÊM COMPETITIVIDADE. NOSSA PRODUÇÃO INDUSTRIAL PERDE TERRENO PARA A CONCORRÊNCIA INTERNACIONAL. AÍ NÃO TEM JEITINHO E NÃO TEM PADRINHO QUE DÊ JEITO.

EDMAR BACHA CONCLUI QUE "(...) ESSE SUPPOSTO NACIONALISMO FEZ COM QUE O BRASIL SE TORNASSE O PAÍS MAIS COLONIZADO DO MUNDO".



PREÇOS NACIONAIS Acabo de chegar de uma temporada na França e aqui, na nossa 'terra brasílica', constatei a dura realidade dos preços nacionais. Um mesmo blazer comprado na Zara de Paris por 50 euros, ou aproximadamente R\$ 134,00, custa, na liquidação da Zara de Brasília, R\$ 270,00. Minhas amigas disseram que antes da liquidação ele custava mais de R\$ 400,00. Ou seja, três vezes o valor da França, na tabela cheia, e duas vezes na liquidação. Esta história se repete com todo mundo que viaja para fora do país e, talvez por isso mesmo, a bagagem do brasileiro seja uma das maiores e mais pesadas do planeta.

CUSTO BRASIL Esse tema tem sido fartamente divulgado pela mídia e todo mundo conhece alguém que voltou com a mala repleta de sapatos, camisetas, calças e livros por um preço que jamais seria possível nas lojas nacionais. O problema está no chamado custo Brasil. Esta maldição que pesa no bolso dos brasileiros por conta da má gestão das regras econômicas, do fisco, dos encargos do país e muito mais. Economistas, tecnocratas e empresários, diariamente, estão nos jornais pedindo menos tributação, menos encargos sociais, juros mais baixos, melhor infraestrutura, menos burocracia. Mas o Brasil não tem plano e não tem meta. Entra presidente e sai presidente, e tudo continua sendo feito ao sabor da conjuntura ou dos interesses políticos. Remendos são tecidos sempre que a coisa fica preta e discursos pomposos são proferidos em rede nacional, tentando tapar o sol com a peneira.

BUROCRACIA, IMPOSTOS E MAIS O fato é que nossos produtos não têm competitividade nem lá fora, nem aqui dentro. Sem saída, somos obrigados a consumir o que nos é colocado goela abaixo, porque nosso dia a dia é aqui, e daqui não dá para sair toda hora. O problema mais grave é vender lá fora. Nossa produção industrial perde terreno para a concorrência internacional. Aí não tem jeitinho e não tem padrinho que dê jeito. Pior ainda é atrair novas indústrias para o Brasil. A Foxconn, fabricante de componentes eletrônicos, até se animou a vir produzir aqui. Esbarrou na burocracia, nos impostos, encargos e baixa qualificação de mão de obra. Resultado: desde abril de 2011, estamos perdendo US\$ 12 bilhões de investimentos e, com eles, perdendo também emprego e arrecadação.

2,6 MIL HORAS ADMINISTRANDO IMPOSTOS Os dados são assustadores. A indústria brasileira paga a quarta maior tarifa de energia elétrica do mundo, 53% acima da média mundial. O motivo desta exorbitância está nos 13 encargos e tributos que representam metade da fatura. Institutos afirmam que esta arrecadação triplicou desde 2001. Segundo o Banco Mundial, a indústria brasileira dedica 2,6 mil horas por ano para administrar o pagamento de impostos, enquanto outras grandes economias levam 400 horas/ano.

MÃO DE OBRA No trabalho, a coisa é feia. A mão de obra por aqui mantém índices de produtividade dos anos 1970. E pensar que nesta época a gente nem tinha ouvido falar em computador, internet e celular. Vivíamos na era do telefone fixo, da carta registrada e do telex. Nem fax a gente tinha. A indústria era mecânica e o tempo era mais lento. Ironicamente, nossa produção mecânica nos anos 1970 era, proporcionalmente, maior do que agora, na era digital.

CLT INTERVENCIONISTA Pior ainda é a legislação trabalhista. Ela é mais velha do que eu. Data dos anos 1940, quando o país ensaiava os primeiros passos no mundo industrial. Como diz o presidente do Tribunal Superior do Trabalho, João Oreste Dalazen, "(...) a legislação trabalhista é anacrônica, defasada e inadequada para os tempos atuais (...) como se não bastasse, a CLT é excessivamente intervencionista e detalhista".

REFORMA SINDICAL Outro ponto interessante da entrevista do presidente do TST é sua análise do papel dos sindicatos no Brasil. Ele afirma que a maioria das entidades sindicais não representa ninguém e existe apenas para embolsar o imposto pago pelos contribuintes. Na sua visão, a reforma mais importante no Brasil é a sindical, porque "(...) os sindicatos são numerosos, não têm poder de barganha junto às empresas e, em geral, estão interessados apenas em uma fatia do bilionário bolo da contribuição sindical que todo trabalhador é obrigado a recolher".

14 MIL SINDICATOS Dalazen entende que existe uma grave anomalia na organização sindical brasileira, a começar pela proliferação de sindicatos, que somam mais de 14.000, oficialmente reconhecidos. Além disso, ele diz: "(...) no ano de 2011, o Ministério do Trabalho recebeu uma média de 105 pedidos de registro por mês".

REPRESENTATIVIDADE O presidente do TST considera fundamental a redução do número de sindicatos "(...) só assim eles poderão ter representatividade e gerar maior poder de barganha". Para ele, "(...) sindicatos representativos e fortes constroem um sistema de diálogo bem-sucedido (...) é urgente que o Brasil assinasse a convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que dá ao trabalhador ampla liberdade de escolher e contribuir para o sindicato de sua preferência".

PAÍS COLONIZADO O economista Edmar Bacha, um dos criadores do Plano Real, diz que a indústria é excessivamente tributada no Brasil, em comparação com a indústria estrangeira. Ele diz ainda que "(...) a indústria aqui tem pouca flexibilidade de comprar insumos fora por causa da política de requisitos nacionais e das altas tarifas cobradas na entrada de bens de capital e insumos". Edmar Bacha conclui que "(...) esse suposto nacionalismo fez com que o Brasil se tornasse o país mais colonizado do mundo".